

## **Ambientalistas se reúnem em ato contra a morte de biólogo espanhol**

**Categories :** [Notícias](#)

Rio de Janeiro - Dezenas de ambientalistas se reuniram nesta segunda-feira (19), na Central do Brasil, no centro do Rio de Janeiro, em um ato de repúdio contra a morte do biólogo espanhol Gonzalo Alonso Hernandez, de 49 anos, há quase 15 dias.

Promovido pela Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA) que reúne 300 entidades no Brasil, o protesto entregou um abaixo-assinado ao secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, cobrando a investigação do caso e a punição dos responsáveis pelo crime.

Uma recompensa de R\$ 5 mil foi oferecida a quem der pistas concretas sobre o paradeiro dos agressores. A iniciativa de oferecer uma quantia em dinheiro para encontrar os autores do crime é da Secretaria Estadual do Ambiente (SEA) em parceria com o Disque-Denúncia.

O corpo de Gonzalo Hernandez foi encontrado na manhã do dia 6 de agosto boiando perto de uma cachoeira no Parque Estadual Cunhambebe, em Rio Claro, na região do Médio Paraíba. Seu corpo tinha marcas de tiros na cabeça.

### **Denúncia de crimes ambientais**

“Gonzalo morreu defendendo a natureza e denunciando crimes ambientais em Rio Claro, no distrito de Lídice. Ele era um produtor de agrofloresta aguerrido, recuperava as margens dos rios e monitorava espécies ameaçadas de extinção”, afirmou Maurício Ruiz, coordenador do [Instituto Terra de Preservação Ambiental \(ITPA\)](#), um dos que promoveu o ato público.

Segundo Ruiz, “todas as evidências” levam a crer que sua morte teve relação às denúncias que o biólogo realizava. As principais ameaças e conflitos que existem na região do Parque Estadual de Cunhambebe e no entorno se referem à extração de palmito, caça ilegal, além de desmatamento e retirada de areia.

“Queremos manter esse caso na pauta das instituições públicas para que seja solucionado. O movimento ambientalista não vai deixar este crime impune. Todos nós estamos em risco”, afirmou Ruiz.

Para muitos militantes ligados à causa ecológica, chamou a atenção o fato de um ativista espanhol ter abraçado a causa da preservação no Brasil. Gonzalo liderou iniciativas locais de plantio de árvores em áreas desertificadas e defendia a preservação de mananciais de água, além de combater o tráfico de animais silvestres, prática comum em Lídice.

A ambientalista portuguesa Guida Galamba, representante da ONG Defensores da Terra, está no Brasil há mais 40 anos e afirma que a morte de Gonzalo traz à tona a situação de insegurança que vivem os ambientalistas. “Chama a atenção um estrangeiro ter abraçado essa causa. Me sinto envolvida e na obrigação de lutar por essa consciência ecológica. Gonzalo foi mais um. A gente está chocado com o crime. Desde que estou no Brasil, já assisti a morte de Chico Mendes e outros ambientalistas. Infelizmente isso é comum, a gente tem que dar um basta”, disse Galamba ao ((o))eco.

Segundo a portuguesa, acredita-se que os autores dos crimes estão transitando livremente pela região.

### **Viúva continuará projeto de biólogo**

A viúva de Gonzalo, Maria de Lourdes Pena Campos, de 48 anos, afirmou que ainda não tem coragem de voltar sozinha ao sítio do biólogo. Ela pretende dar continuidade a um projeto do marido de cuidar de aves resgatadas da captura ilegal e devolvê-las à natureza.

“Pretendo tentar realizar alguns sonhos que ele tinha. Um deles era transformar uns galpões no sítio e devolver para a floresta pássaros presos ou capturados ilegalmente”, disse.

Foram quase 10 anos de relacionamento e Lourdes conta que tinha planos de morar com o biólogo no sítio em Lídice. “Mas não deu tempo de ir morar com ele. Eu dizia para tomar mais cuidado, e ele falava comigo: ‘o mal desse povo brasileiro é ter medo de fazer a coisa certa’. Ele era uma pessoa muito simples que amava natureza”, lamentou.

Assim que comprou o sítio em 2003, Gonzalo plantou 750 mudas de árvores e reflorestou toda a área com espécies da Mata Atlântica. Ele ainda ajudava a manter uma estação meteorológica na região do Parque Estadual e fazia medições de qualidade da água dos rios.

### **Ameaças são comuns a ambientalistas**

Aos 69 anos, Sergio de Lima foi o primeiro proprietário a registrar no estado do Rio, em 1991, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) chamada Fazenda Roça Grande, em Rio Claro de 63.7 hectares. Assim como o biólogo espanhol, Sergio preserva remanescentes da Mata Atlântica, nascentes, animais silvestres que são alvo de caçadores e realiza denúncias de práticas ilegais.

“Nós, produtores rurais e ambientalistas, estamos sujeitos à mesma sorte que ele teve”, receia Sérgio ao comentar que as ameaças são comuns a ambientalistas. “Quando não são expressas, são veladas”, disse Sérgio, que integra a Associação do Patrimônio Natural.

Como presidente o Conselho Municipal de Meio Ambiente de Rio Claro, o ambientalista confirmou que Gonzalo já realizava denúncias desde 2009, quando o conselho foi criado.

“Nas reuniões de plenária, sempre foi atuante, apresentava ideias inovadoras, conhecia muito a causa ambiental e era uma constante a reclamação dele e a apresentação de denúncias fundamentadas. Era um companheiro inteligente que, além da saudade, causa uma revolta a todos nós e o temor de que sejamos os próximos”, afirmou.

*Clique nas imagens para ampliá-las e ler as legendas*

### **Leia Também**

[Biólogo que denunciava crimes ambientais é encontrado morto](#)

[Caçador se apresenta a polícia e inquérito segue para a Justiça](#)

[APA Cairuçu, quando a proteção gera atentados à bomba](#)